



RESENHA

“TRABALHADORES”, DE JOSÉ CARLOS DE FREITAS

FREITAS, José Carlos de. **Trabalhadores**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

Walace Rodrigues¹

*Operoso, vendo meu saber
a alunos mais ricos que eu.
Ocasionais, alguns são mais pobres.
(FREITAS, 2022, p. 104)*

O livro de poemas escritos e visuais de que trata esta resenha chama-se "Trabalhadores" e é de autoria de José Carlos de Freitas, conhecido professor no Estado do Tocantins, onde trabalha com temas da Filosofia e da Literatura. Freitas é operário da palavra e professor na cidade de Gurupi/TO, trabalhando na UNIRG. Ele é graduado em Filosofia, mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense - UFF e doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLit) da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. O referido professor publicou os livros "Pequeno tratado de ateologia" (2018), "Eitos e leitos" (2018) e "Os dançarinos do arame: lirismo e resistência em Mário Quintana" (2019). Ainda, Freitas é membro correspondente da Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins - ACALANTO.

No livro "Trabalhadores", Freitas constrói poemas por meio de uma linguagem relacional entre poemas e fotografias em preto e branco. As fotografias são de autoria de Gabriel Henrique Dietrich, Pedro Fonteles de Lima e do próprio escritor. Há, também, uma foto de Lewis Hine, intitulada "Engraxate", de 1911, mostrando um menino engraxando um sapato de um senhor.

As imagens fotográficas e os poemas dão movimento a um jogo discursivo de múltiplos sentidos, inovando na construção da obra. A própria imagem da capa (intitulada "Luz, sombra

¹ Doutorado em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Mestrado em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLit/UFNT). E-mail: walace@uft.edu.br



e trabalho", ver Figura 1), de autoria de Pedro Fonteles de Lima, mostrando-nos um trabalhador negro limpando um peixe, revela a natureza principal da obra: as circunstâncias de vida dos trabalhadores e de todos os seres humanos que dependem do trabalho para sobreviver. No entanto, as imagens focam nos trabalhadores mais pobres, mais marginalizados socialmente, mais vulneráveis às intempéries da vida laboral para sustentar suas famílias.

O livro, composto por 76 poemas e 28 imagens em seu corpo, demonstra a brilhante habilidade de Freitas em lidar com formas poéticas variadas. Há um jogo multimodal entre imagens e poemas que revela uma rica criação de sentidos oferecida aos leitores. Temas como trabalhos, ofícios, sentires, crenças, raça, decolonialidade, literatura, pobreza (de pão ou de alma), ternuras, afetos, desejos, crítica social, denúncias etc. inundam o livro "Trabalhadores".

Vale destacar não somente o brilhantismo no uso das palavras e em seus agrupamentos, mas também a visão de mundo de Freitas, sempre coerente com o seu entendimento como trabalhador e intelectual. Seus experimentos com as palavras nos revelam uma clara busca pela compreensão de um mundo que ajudamos a construir, mas que não compreendemos com clareza. Freitas nos auxilia no entendimento das coisas da vida diária e da alma por meio da afetação poética que nos causa e nos faz pensar. Ele não nos oferece somente um livro com poemas e imagens, mas uma obra com um sabor filosófico existencialista, tentando fazer-nos pensar sobre nós (interior) e o mundo (exterior a nós, mas onde agimos).

Ainda, a professora Luiza Helena Oliveira de Silva, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, ao prefaciar a obra, diz-nos que: "Em Trabalhadores, José Carlos remete explicitamente aos pais e seus ensinamentos para a vida. Ser trabalhador é destino de classe, herança primeira aos filhos" (in FREITAS, 2022. p. 12). Tal assertiva revela uma vertente social brasileira de quase perpetuação familiar e social por meio do trabalho. Também, o trabalho como peso social, necessidade para conseguir recursos, obrigação árdua e sem glórias, pois são poucas as pessoas que, na atualidade, podem escolher os ofícios a que dedicam. Compreendemos que, na sociedade brasileira, o trabalho é tido como algo a se orgulhar e ensinado pela família: ter um trabalho decente, ser trabalhador, dar valor ao trabalho digno. Isso escutamos em nossas casas.

Também, personagens variados povoam o livro poético de Freitas: da ex-presa política Maria Pilla, da escritora negra e favelada Carolina Maria de Jesus, da política Marielle Franco, do presidente Lula e de vários outros trabalhadores que compreendem suas missões de vida e



de trabalho como algo maior do que meramente atividades funcionais.

Os múltiplos papéis sociais apresentados pelos trabalhadores que Freitas nos traz revelam a amplitude de pensamento em relação aos ofícios, às críticas sociais e às denúncias relacionadas a alguns ofícios. Deixamos aqui, como exemplo da ternura poética e empatia humana de Freitas, o poema "Sábado":

Chuva na manhã de sábado.
No abrigo de carro, vejo
a beleza do temporal.
O caminho dos funcionários ao trabalho é drástico.
Eles não têm direito à beleza,
embora dela façam parte.

No carro, Bilora canta "Trucundu-tun-dá",
Espelho da manhã
que despeja água no mundo.

Meus alunos comparecem à sabatina.
Ninguém sai ileso da chuva.
Ninguém sai ileso da vida.

Olho para o semblante belo de alunas e alunos.
Sei que o instante é de despedida.
Olho cada um de dentro do meu silêncio
e outro temporal matutino está prestes a cair.
E eu celebro os temporais
que dão verde às paisagens
e dignidade aos ofícios.

Marcamos tal poema porque ele remete a temas recorrentes na obra de Freitas, como a natureza, a beleza, o trabalho, os ofícios, aos jovens, entre outros. No entanto, o poeta nos brinda com um refrão marcadamente existencialista, quando nos diz: "Meus alunos comparecem à sabatina. / Ninguém sai ileso da chuva. / Ninguém sai ileso da vida." Freitas mostra-nos, claramente, que não há como sair ilesos de nossas experiências existenciais, sejam elas as mais simples ou as mais complexas. Somos obrigados, como classe operária, a comparecer à sabatina laboral, mas o que passa por nós (pessoas, temporais, paisagens etc.) transpassa-nos e nos marca para sempre, mesmo que imperceptivelmente.

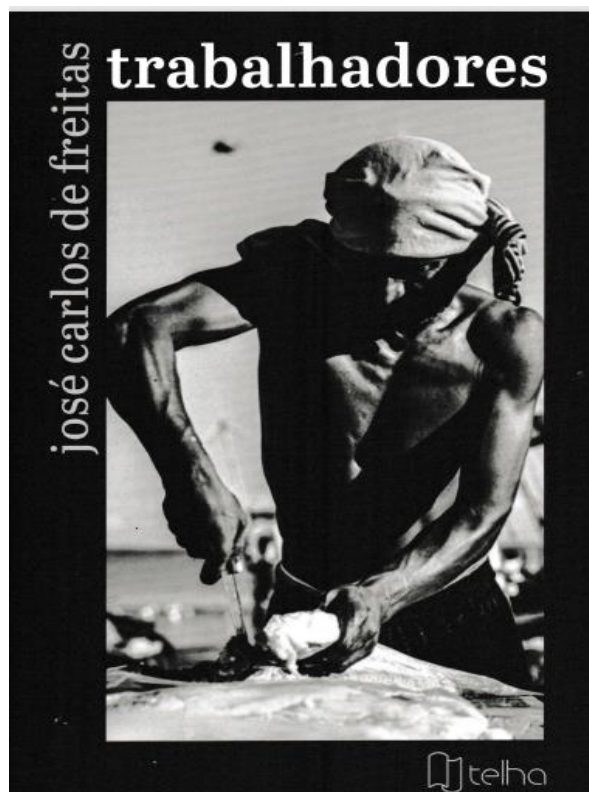
Outra questão que nos chamou a atenção neste livro de José Carlos de Freitas é como ele é empático em relação ao povo preto brasileiro. Em seu poema "Nossa Senhora Preta" ele nos traz: "Minha Preta! / Faz de mim um teu filho, / pretinho, pretinho, / limpa de mim tudo o



que carrego de branco! / Mereça eu tua pretura!" Aqui ele faz valorizar-nos a negritude dos brasileiros como algo que nos pode "santificar", aproximando-nos da Santa (Nossa Senhora Aparecida?). Também, Freitas revela, em "Trabalhadores", sua criação católica, suas duras lembranças do seminário menor e suas angústias em relação à fé católica.

Os poemas e as fotografias do livro "Trabalhadores" historicizam poeticamente as formas de labuta e os trabalhadores mais vulneráveis da atualidade pós-industrial do século XXI, reafirmando que a informatização social e a uberização das economias, como benefícios sociais e monetários advindos do trabalho, não chegaram a certas camadas da população trabalhadora e de baixa renda. Por fim, os poemas de Freitas revelam as angústias dos mais diferentes laboradores (professores, pescadores, vendedores etc.) e as paixões humanas que afetam as vidas das pessoas trabalhadoras (também as nossas vidas), numa busca constante para desvendar experiências historicamente existenciais por meio de relatos poéticos.

Figura 1 – Imagem da capa do livro "Trabalhadores", de 2022.



Artigo recebido em: janeiro/2023

Artigo aceito em: março/2023